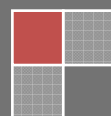


1998

# Fátima e o Secretário

Linhas Cruzadas, ano 2, nº 8, pp 44-45

Miguel Vale de Almeida  
MIGUELVALEDEALMEIDA.NET  
2007



## Fátima e o secretário<sup>1</sup>

Quando se entra num avião espera-se tudo menos algo de esotérico. O que é estranho. Afinal de contas, preparamo-nos para desafiar as leis da natureza (as leis de Deus?), adeus gravidade que me faço pássaro, por obra e graça (graça?) do engenho humano (outros engenhos humanos, que eu não dei uma para a caixa). Quando se entra num avião esperam-se (isto é, espera-se que não aconteçam) avarias técnicas, poços de ar, tempestades, turbulência, mísseis cubanos, terroristas afegãos, desastres. Quando se entra num avião não se espera chegar mais perto do divino, e no entanto não estamos prestes a subir ao céu? Não estamos, pela lógica das coisas, nem que seja um pouco, mais perto do paraíso? Não se tornam, nem que seja um tudo nada, mais legítimas as expectativas de encontrar um anjo, um bater de asas, um raio de sol atravessando as nuvens à maneira de um sinal Morse divino? Não. Os novatos do ar preparam-se para usufruir o divertimento hollywoodesco das hospedeiras e das refeições de brincar; os veteranos preparam as viseiras e os tampões de ouvidos para dormirem até ao destino (até ao Destino?); os lascivos fantasiam sexo nos lavabos, onde a única proibição é fumar; e os medrosos tratam de encomendar vários uísques para uma travessia catatónica da ionosfera.

Não pertenço a nenhuma das categorias. Viajo sem magia e com fastio, sem sono nem pressa, sem sexo nem medo (que belos pares fazem estas criaturas de letras...). Viajo civilizada e ansiosamente (as duas coisas vão juntas) a consultar na agenda os horrores que me esperam à chegada, martirizando-me por não ter usufruído o suficiente da estadia que termina, também ela começada com uma consulta estressada da agenda. Uma seca.. Mas naquele dia, o enésimo do percurso Brasil-Portugal, uma passageira misteriosa complicou-me o esquema. Alguns assentos à minha frente e à minha direita, um rapaz discutia com um colectivo de hospedeiras e hospedeiros. O rapaz era baixinho, com dentes de coelho e óculos, de costas curvadas, olhar beatífico, sorriso sempre nos lábios. Devia ter vinte e poucos anos mas vestia um fato e gravata surrados e adivinhava-se-lhe a caspa nevando sobre a gola. As mãozinhas sapudas e amareladas seguravam com toda a dedicação do mundo um embrulho da sua altura. Um embrulho de veludo grená.

A matilha de hospedeiras e seus equivalentes masculinos gesticulava na direcção das bagageiras. Era evidente: o embrulho caberia perfeitamente, e para mais deitado, na dita bagageira. Não havia a mais pequena razão para ir ao lado do passageiro da caspa. Mas o passageiro da

---

<sup>1</sup> Baseado em acontecimentos reais.

caspa insistia, por entre sorrisos beatíficos e de apelo à compreensão - e a ansiedade estava lá também, ó se estava - que agradecia muito, que era muita gentileza e hospitalidade, que compreendia as regras, mas que preferia - preferia mesmo e muito - que o embrulho fosse ao seu lado. Com direito a assento, mesinha, revista de bordo e cinto de segurança. E, claro, máscara de oxigénio em caso de despressurização e colete salva-vidas “colocado debaixo do seu assento”, a insuflar directamente ou através do acto de puxar os tirantes vermelhos.

Exilado no gueto dos fumadores não pude ouvir nada da conversa. Tudo depreendi da gesticulação, dos olhares, dos sorrisos, dos trejeitos de corpo. Já atrasado o voo devido ao homem do embrulho, respirei de alívio quando uma hospedeira graduada, a chefe da matilha, fechou a bagageira e acedeu aos pedidos do rapaz de fato surrado. Foi então que pensei: “É um excêntrico. Tem uma adoração pelo objecto que transporta. Além disso tem um ar surrado. Conclusão lógica: trata-se de um músico, o objecto é o violoncelo, o seu bem mais precioso e por nada deste mundo o colocaria na bagageira, depois de ter conseguido subornar meio mundo para que o instrumento não fosse parar ao porão”. Bonito. Romântico. Já não há gente assim.

Levantámos voo a caminho dos extensos campos do Senhor, nuvens mal amanhadas, em baldio, em pousio, no grande latifúndio do proprietário absentista. O rapaz não quis beber um aperitivo. Eu bebi três - não por medo, por tédio. Comecei a ler o Rushdie. Nos «Versículos Satânicos», o anjo do bem e o anjo do mal vêm-se pela primeira vez nas suas vidas com essas identidades quando caem de um 747 da Air India que explode sobre Londres. Fecho o livro com um calafrio. Não quero ser um personagem do Rushdie (ser perseguido e assediado por um escritor que é perseguido e assediado, haverá pior destino?). Não quero que o Airbus da TAP expluda sobre Cabo Verde. Não quero viver a expectativa de saber se me calha o papel de anjo bom ou anjo mau. Ou se o Senhor me agarra na queda e me manda ficar como jornalista para lavrar as nuvens. Não. Fecho o livro, pois. E quando fecho o livro, cai-me um fio de uísque pelo queixo abaixo, aterrando no Rushdie. Que foi que eu vi que me fez descuidar?

Bem, o que eu vi, foi que o violoncelista tinha retirado o invólucro de veludo grená do seu instrumento. Corrijo: nem violoncelista nem instrumento porque o que eu via agora, sentado ao lado do rapaz surrado como qualquer passageira inocente, era nada mais nada menos do que a nuca de nossa senhora de Fátima. Em pessoa. Quer dizer: em louça.

Podia haver milhões de explicações para o facto:

Explicação n.º 1: O rapaz tinha comprado a imagem no Brasil e trazia-a para Portugal (mas não seria o contrário mais lógico, pelo menos geograficamente lógico?)

Explicação n.º 2: O rapaz trazia a imagem de volta depois de um périplo pelo Brasil, prática corrente em tempos de globalização, em que os santos, quanto mais locais, mais requisitados são para *tournées* internacionais.

Explicação n.º 3: O rapaz estava a fazer uma performance intitulada “Travels with Fatima” ou, mais anos-sessentamente, “My trip with the Lady”.

Explicação n.º 4: O rapaz sofria de uma grave mas benigna disfunção da personalidade e sobretudo da libido, que o fazia crer... bem, não continuo, estou a escrever num país católico romano.

Sem querer especular demasiado, fiquei-me pelas conclusões óbvias. A primeira conclusão acertada era que o rapaz não era violoncelista. A segunda conclusão acertada era que o rapaz tinha pago uma passagem a mais para a imagem de Fátima. A terceira conclusão acertada era que aquele Airbus da TAP transportava 246 passageiros humanos e uma figura de louça. Só que, como a figura de louça representava (ou *era*, nunca percebi) a Nossa Senhora de Fátima, também se poderia dizer que o avião transportava 246 passageiros humanos e um passageiro sobre-humano. O que, considerando o espaço aéreo onde nos encontrávamos - a coutada do Senhor - era no mínimo preocupante. Por exemplo: e se ela quisesse fazer uma paragem e cumprimentar alguns parentes? E se isto se tornasse num hábito e qualquer dia os santos desatassem a viajar de avião, provocando, entre outros, sérios problemas de *overbooking* na marcação de passagens?

Resolvi utilizar o pensamento positivo: crente ou não, a presença daquela passageira tornaria o voo mais seguro. E olhem que isso provou ser verdade, pois não houve turbulência, nem desvios para Cuba, nem avisos simpáticos para tirarmos os sapatos de saltos altos (não, não vou perguntar-me se ela tinha sapatos de salto alto, isso seria de mau gosto) e os óculos e para nos dobrarmos sobre os joelhos na expectativa de uma aterragem de emergência. Tudo correu lindamente, e nada explodiu.

A não ser a romaria que se gerou no corredor direito do Airbus assim que vários brasileiros e portugueses perceberam, como eu, que o violoncelo era uma santa. O que não se desviava muito na noção vulgar de milagre. O rapaz foi recebendo as pessoas que o visitavam e à santa. Falavam com ele com sorrisos beatos. Algumas passageiras passaram as mãos pelo rosário que pendia do pescoço de Fátima. Depois começaram as sessões de fotografias: mães que levavam as crianças, mais interessadas em visitar o *cockpit*, para serem eternizadas ao lado da ilustre passageira. O rodopio não parou, virou romaria aérea, ao som divinal dos jactos lá fora.

O rapaz estava encantado. Sorria para os romeiros, conversava com eles, apontava para a santa enquanto falava, como se estivesse a contar aos outros passageiros o que ela tinha feito no Brasil, as situações porque havia passado (branca, branquíssima, creio que o Brasil não teve muito

efeito nela). Eventualmente, aproximámo-nos de Lisboa. O rapaz retirou-lhe o rosário do pescoço e guardou-o numa caixinha. Retirou o invólucro de veludo grená e - julgo ter visto um trejeito de desculpa ou pedido de licença - enfiou-o na santa (desculpem a linguagem, mas não há outra mais objectiva. Enfiou-o na santa como o teria enfiado no violoncelo). Apertou-lhe o sinto. A romaria tinha terminado. Sacudiu a caspa da gola do casaco, suspirou e pôs-se a contemplar as luzes do Barreiro e da Moita lá em baixo.

Já no tapete das bagagens, no aeroporto, o rapaz (“o secretário de Fátima”, pareceu-me a designação adequada, ela tão digna e silenciosa como uma *star*, ele solícito com as fotos e os fãs) esperava pelas suas bagagens, com Fátima comodamente instalada - embora um tudo nada vertical e hierática - no carrinho. Depois do avião, o carrinho das bagagens e, com certeza, seguir-se-ia o táxi. Viajadíssima. Desapareceu pela alfândega onde não foi molestado. O tamanho do embrulho ou não levantou a mais leve suspeita aos funcionários (o melhor sítio para esconder uma coisa é em cima da mesa...) ou Fátima lançou-lhes um feitiço que os deixou burocraticamente congelados.

Regressei à minha agenda. Adivinhava-se um dia difícil, de regresso à pátria da lusofonia e da ilustre passageira. Só mais tarde me ocorreu que, no avião, não reparei se as hospedeiras serviram uma ou duas refeições a Fátima e seu secretário.